



History of Education in Latin America

Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License

Dilemas da experiência liceal em Portugal (1950-1970): relações entre psicanálise e educação na revista *Labor*¹

*High School dilemmas in Portugal (1950-1970): relations
between psychoanalysis and education in Labor educational
journal*

Matheus Zica

Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, Brasil,
matheusczica@gmail.com

António Gomes Ferreira

Faculdade de Educação, Universidade de Coimbra, Portugal, antonio@fpce.uc.pt

Resumo

Pretende-se nesse artigo investigar o conteúdo da revista periódica portuguesa *Labor* fundada, dirigida e escrita por professores liceais entre 1926 e 1973. Nossas análises se concentram nos textos que tangenciaram e aprofundaram a relação entre psicanálise e educação entre os anos de 1950 e 1970. Foi possível perceber no conteúdo explorado que pelo menos dois procedimentos foram dominantes nessa aproximação entre as duas áreas do conhecimento: Primeiro no que chamamos de uma via mais pontual, num sentido de aplicação, de melhorar o aproveitamento escola; Em outra direção, situa-se uma apropriação em sentido mais abrangente, em direção a uma crítica da cultura e a uma teoria do sujeito, no ponto mesmo onde a psicanálise parece se entrelaçar com a filosofia.

Palavras-chave: História de Professores. Psicanálise e Educação. História do Ensino Secundário. História da Imprensa Pedagógica.

Abstract

This article intends to investigate the content of the Portuguese periodical journal *Labor* founded, directed and written by High School teachers between 1926 and 1973. Our analyses are concentrated on the texts that deepened the relationship between psychoanalysis and education between the years of 1950 and 1970. It was possible to conclude after exploring such content that at least two procedures were dominant in this approximation between that two areas of knowledge: First in way we called as “more punctual”, in a sense of application, of improving school achievement; In the other direction, there is another appropriation, more comprehensive, towards a critique of culture and a theory of the subject, at the point where psychoanalysis seems to intertwine with philosophy.

Key-words: History of Teachers. Psychoanalysis and Education. History of Secondary Education. History of the Pedagogical Press.

Introdução

A revista periódica *Labor* foi fundada em 1926 pelo Professor José Tavares, do Liceu de Aveiro, e por ele foi coordenada, em colaboração com diferentes professores, até o seu último número que data de 1973. Em torno dele muitos docentes de outros liceus de Portugal e de territórios portugueses de além-mar se aglutinaram e contribuíram sistematicamente com suas publicações para uma revista de fôlego com tiragem de dez números por ano.

É preciso destacar ainda que essa escrita docente registrada na referida revista, também de elaboração da experiência profissional e intercâmbio de um saber-fazer, não deixou de erigir-se como um monumento de memória professoral, permitindo-nos averiguar permanências e variações nos modos de percepção da realidade liceal por parte dos próprios professores (Nóvoa, 1992).

Por não ser uma revista propriamente acadêmica, já que não tinha regras tão rígidas para o formato dos artigos, não tão regulados pela obrigação que o saber universitário impõe pela exigência de se reportar aos discursos acumulados pela tradição, na *Labor* podemos flagrar uma abertura muito enriquecedora para que cada professor-autor pudesse se expressar num estilo singular e tratando de tópicos subjetivos, não pré-definidos de antemão por uma lógica do saber.

Nesse sentido existem muitos aspetos importantes para a história da educação que notamos durante a investigação e que não iremos tratar nessa oportunidade, visto que o foco anunciado para esta comunicação deve ser mantido. Alguns desses aspetos que estão no entorno de nosso foco principal, mas não coincidindo exatamente com ele, foram desenvolvidos em outras publicações.

Podemos afirmar com segurança que na escrita dos professores que compareceram à *Labor* durante as mais de duas décadas abordadas, foram identificados pelo menos dois procedimentos dominantes nos processos de apropriação da psicanálise por parte dos autores dos artigos: A) Primeiro no que chamamos de uma via mais pontual, num sentido de aplicação, de melhorar o aproveitamento escola, ou até mesmo “acalmar” a juventude em idade escolar por meio da sublimação; B) Numa outra direção podemos verificar uma apropriação em sentido mais abrangente, em direção a uma crítica da cultura e a uma teoria do sujeito, no ponto mesmo onde a psicanálise parece se entrelaçar com a filosofia.

Se no primeiro procedimento, dito mais pontual, as crianças e jovens constituem-se como o destino principal das proposições; no segundo o foco se direciona aos adultos. Tendo isto posto passemos então aos detalhes relativos ao primeiro procedimento, identificado por um viés mais técnico e direcionado a um *uso escolar*. Metodologicamente é preciso deixar claro que aqui estamos citando os principais textos que tocaram de uma forma ou de outra a psicanálise na revista *Labor*, entre os anos de 1951 e 1973.

Psicanálise a serviço dos liceus

Para além daquilo que é verificável num laboratório, ou matematicamente demonstrável, fica um mundo formidável de problemas ligados à existência dos homens, à sua inteligência e ao seu sentir, para além da vida e da morte, de cujo estudo não podemos prescindir, não os podendo sonegar à curiosidade alheia,

que aliás irá procurar resposta a outras fontes, sobretudo se a escola lha não dá.

Professor Duque Vieira, do Liceu de Castelo Branco. (*Labor*, n.146, ano XIX, fev.1955, p.344-345).

A epígrafe escolhida ilustra bem a abertura de muitos dos professores-autores da *Labor* para pensarem em questões que transcendiam em muito ao que do real está reduzido à ciência positiva e ao metrificável quando levavam em conta o papel do professor e da escola perante os alunos. Por exemplo, no número 140 da revista *Labor* – ano de 1954 –, o professor Duque Vieira, do Liceu de Castelo Branco, nos explicita sua visão crítica a respeito de como se concebia a função social do Ensino Secundário naquele momento, se considerando temeroso por sua própria ousadia ao publicar um artigo com o título “Educação Artística”, visto que eram então considerados

improdutivos estudos literários, artísticos, filosóficos, para, à custa dessa redução [de tais estudos], aumentar a parte das matemáticas e das ciências da natureza, os únicos que constituem necessidade premente dos nossos dias, condição indispensável para o progresso técnico dum povo. (*Labor*, n.140, ano XVIII, mar.1954, p. 627).

O lamento aqui é da crise dos valores das humanidades, como resultado de uma supervalorização do mundo visível da matéria e da técnica. E nesse diagnóstico o professor Duque Vieira não está sozinho. No ano 1956, o professor José A. Teixeira, um dos editores da revista *Labor* naquela altura, publica o artigo “Em defesa da dignidade do ensino”, por meio do qual também denuncia os resultados catastróficos da falta de tratamento humanístico frente ao avanço do tecnicismo cego de seus tempos:

Há falta de ideais educativos, os tempos não correm de feição, não resta tempo para meditar. O progresso industrial, que segue na esteira do avanço assombroso da ciência, aturde-nos os sentidos. É o cinema que, servindo embora a cultura e podendo servi-la melhor, mais serve ainda a deformação dos indivíduos, cujas preferências inferiores procura explorar; é a rádio que, sancionando o gosto vulgar, transmite música medíocre, maciça propaganda comercial, relatos de competições; são o ruído dos motores e os guinchos das travagens a quebrarem o silêncio do ambiente doméstico... é certo que as grandiosas criações da ciência são, na sua amoralidade, a afirmação porventura mais brilhante do portentoso engenho da inteligência do Homem. A vulgaridade, porque é pequena, é que não pode conhecer o verdadeiro campo de acção dos maravilhosos inventos que nos rodeiam. E assim se desencadeia a tragédia que é o paradoxo do nosso tempo: o embrutecimento das gentes provocado pelos mais claros fulgores do espírito humano! (*Labor*, n.160, ano XXI, out.1956, p. 3-4).

É por meio desse tipo de abertura humanística, desse tipo de espírito crítico à tirania do tecnicismo científico, é que alguns textos da *Labor* arriscam aproximações com a psicanálise para pensarem as mais diversas questões ligadas ao cotidiano escolar.

Ao longo do ano de 1955 o professor Cruz Malpique, do Liceu Alexandre Herculano, do Porto, foi escrevendo uma série de artigos sobre o público jovem com o qual lidava sob o título: “Alguns traços do perfil do adolescente”. Vejamos como

aquele professor estava a conceber essa geração, não sem uma boa ponta de ironia:

A mocidade tem a turbulência na guelra. O outro dizia: penso, logo existo. O jovem afirma: faço algazarra, logo sou gente. E daí a preferência nítida do adolescente por tudo que seja pretexto para balbúrdia, afirmações e atitudes ruidosas. Está como peixe n'água, nas competições desportivas, onde o aplauso é de bota-abixo. É ouvir as conversas de adolescentes. Todas, mais ou menos, quando não são brejeiras, vão dar a corridas de automóveis, de bicicletas, de cavalos, de peões; a desafios de futebol (o futebol é hoje uma tresloucura), a velocidades de aviões e de comboios; a jornais onde se relatam proezas de força, de soco, de pontapé, e outras actividades no género, como a caça, as touradas, a natação, os exercícios militares... (*Labor*, n.153, ano XX, dez.1955, p.163).

O que importa nesse momento é destacar que no olhar desse professor se pode verificar também um importante pressuposto da psicanálise:

Discorrendo, em tumulto, sobre essas actividades, os adolescentes como que se *purgam* da exuberância belicosa e desportiva que lhes circula no sangue e lhes põe formigueiros nos músculos. São formas, de *descarga* dessa exuberância bélico-desportiva, a discussão sobre campeões, a zombaria de criar bicho, a conversa em altos gritos, os murros nos companheiros, os *insultos por palavras*, a alegria ruidosa, a *luta fictícia*, as desordens.

(...) Precisa de operar uma *catarse da sua impulsividade belicosa*. Ora, como é anti-social, pô-lo a esmurrar o seu semelhante, importa que os educadores lhe *sublimem as tendências agressivas*.

(...) Procure a pedagogia desviá-los (impulsos agressivos) para o exercício físico, para as actividades desportivas, para o campismo, para os trabalhos manuais, para excursões, porque, dessa maneira, se afastarão vícios e se ganharão benefícios. A *sublimação das tendências combativas* peculiares aos adolescentes deve procurar também desviar energias para o campo espiritual. (*Labor*, n.153, ano XX, dez.1955, p. 163-164 – Ênfases adicionadas).

Seria muito difícil refutar a hipótese de que o professor Cruz Malpique não estaria aqui se valendo da teoria psicanalítica de sublimação das pulsões, melhor exposta no ensaio *Mal-estar na Civilização*, de Sigmund Freud (1996 [1930]), mesmo que sob o efeito de uma inflexão *selvagem* no sentido de tomar os instintos agressivos como sendo próprios apenas da geração adolescente, retirando os adultos desse registro.

Artigos destacando a questão dos afetos em ambiente escolar também foram recorrentes, sendo um deles paradigmático no sentido de tomar a psicanálise como esteio de sua argumentação. Intitulado: “Nós, professores... O professor e o conhecimento da família do aluno”, é da autoria de Georges Mauco, na altura diretor pedagógico do Centro Claude Bernard. Traduzido por Rui Grácio, do Liceu Francês de Lisboa. Publicado originalmente na revista “L'École des Parents”, Paris, Julho-Agosto de 1957, o referido vem às páginas da *Labor* n.177, ano XXII, de jun.1958. Trata-se de um dos artigos mais abertamente psicanalíticos que a *Labor* publicou desde sua reabertura, em 1951, até o seu fechamento em 1973.

Conforme o título sugere, o autor defende a ideia de que os problemas enfrentados no ambiente escolar se devem em grande medida ao que se passa fora de lá; se devem ao que se passa com os pais, e não exatamente com as crianças e

jovens. Conforme afirma Mauco: “O aluno chega às mãos do professor com uma formação, hábitos, reacções já determinados. Reage na classe em virtude de suas experiências anteriores. Ele «transfere», quer dizer, projecta os seus sentimentos positivos e negativos sobre o professor e seus camaradas sem mesmo ter consciência disso” (*Labor*, n.177, ano XXII, jun.1958, p.630). Mauco nos fornece ainda um caso bastante elucidativo para compreender o que estaria em jogo quando se verificam certos problemas com crianças ou jovens na escola, de acordo com a perspectiva psicanalítica:

Veja, por exemplo, o caso de João, de 16 anos. Não só é mau aluno de Matemática, mas sente verdadeira repugnância por aquela disciplina. Os professores esforçaram-se debalde por compreender aquela falta de interesse porque João é inteligente.

É que a origem dessa inaptidão não é escolar. Não depende dos professores, nem dos seus métodos pedagógicos. É a manifestação de uma perturbação de origem familiar. O pai e o irmão mais velho são brilhantíssimos no domínio das matemáticas. O pai é engenheiro. João está farto de comparações desfavoráveis e de censuras constantes.

Psicologicamente, defende-se inconscientemente e procura proteger-se, evitando toda competição no campo das matemáticas. (*Labor*, n.177, ano XXII, jun.1958, p. 631-632).

Além dos conceitos de *inconsciente*, *transferência*, *inibição* e *defesa*, outro conceito fundamental para a psicanálise, o de *contra-transferência* também será mobilizado pelo autor:

O professor que representa a autoridade lembra os pais e desencadeia os sentimentos experimentados relativamente a estes. Há, assim, transferência afectiva, quer dizer, activação de relações já vividas em referência a imagens paternas, maternas, fraternais, etc.

Ora, esta continuidade na acção relativamente a outrem efectua-se inconscientemente como se fosse por meio de reflexos condicionados. A criança não evoca o passado vivido, mas repete-o, reproduz-lo, transfere-o na relação com o mestre. E o mestre, muitas vezes sem clara consciência disso, reage ele próprio afectivamente: diremos que há contra-transferência do adulto em relação à criança.

(...) e o professor tem de suportar reacções que mergulham nesse conflito inconsciente mal liquidado do aluno.

Se o professor possui uma maturidade pessoal que lhe permitiu resolver as suas próprias dificuldades, e se conhece a sua situação familiar, pode ajudar a criança a viver e a resolver as suas. Isto supõe que o aluno encontra no mestre um vigor sereno e compreensivo. Compreendendo a criança, por tê-la ultrapassado, o professor não reage afectivamente às reacções de transferência do seu aluno. (*Labor*, n.177, ano XXII, jun.1958, p. 634-635).

Tais referências fazem cair o peso da responsabilidade dos destinos das novas gerações sobre os adultos, devendo aqueles estarem atentos para que não reagissem automaticamente por interferência dos afetos em resposta ao jogo inconsciente que as crianças e jovens produzem com a finalidade de reviverem no ambiente escolar os seus dramas familiares e domésticos.

Ainda que os adultos pareçam constituir parte central desta reivindicação, o que se quer fundamentalmente nesse caso é que a escola funcione melhor, e que o aluno não seja prejudicado em sua trajetória escolar por falta de preparação dos

adultos. Algo diferente do que iremos tratar mais à frente nesse texto, quando a própria situação do modo de ser dos adultos é colocada em questão, para além do que pode resultar ou não na escola, mas no que se refere aos “impactos *disso* na cultura” de forma mais ampla.

Consideramos importante lembrar o fato de que o texto de Georges Mauco aparece na revista *Labor* exatamente integrado a uma série de traduções de artigos de outros autores franceses em torno do tema dos afetos no espaço escolar, mas distanciados da abordagem da psicanálise, e integrados ao núcleo mais cartesiano da psicologia.

O primeiro: “As relações afectivas do professor e do seu aluno”, por Mlle M. Audouze, publicado na *Labor* n.169, ano XXII, de out.1957. O segundo: “Relações afectivas do professor e da sua classe”, de André Ferré, publicado na *Labor* n.171, ano XXII, de dez.1957. Em terceiro: “Alguns tipos de caracteres do professor e seus efeitos nas relações com o aluno”, de Roger Gal, publicado na *Labor* n.173, ano XXII, de fev.1958. Sendo o de Mauco o quarto da série.

A revista *Labor* é na verdade bastante pródiga em exemplos desse tipo de apropriação de saberes de outras áreas em nome de um “melhoramento” escolar, sobretudo do campo da psicologia não alinhada à psicanálise.

É o caso do artigo “O que todo o professor deve saber de psicopatologia”, oriundo de palestra realizada em 1948, no Liceu de Pedro Nunes, por Luís Guerreiro, Médico-escolar do Liceu de D. João de Castro, publicada na *Labor* n.139, ano XVIII, abr.1954. Igualmente podemos citar o artigo: “Pode a mensuração fazer-se por meio de testes psicológicos?”, de Rui Carrington da Costa, do Liceu de Braga, publicado na *Labor* n.159, ano XX, jun.1956.

Também registramos a divulgação do livro “A vocação à Luz da Psicologia Moderna”, de João António Nabais, Liv. Tavares Martins, Porto, 1953, na *Labor* n.132, ano XVII, de jun.1953; Bem como a propaganda do livro “Problemas psicológicos do Professor do Liceu”, de Gustave Monod, na *Labor* n.154, ano XX, de jan.1956. Do mesmo modo é emblemático nesse sentido o artigo “A escolha da carreira no Ensino Liceal”, de Fernando Falcão Machado, do Liceu Gil Vicente, publicado na *Labor* n.159, ano XX, de jun.1956.

Também é importante frisar o fato de que os professores liceais que colaboraram na revista *Labor* se autorrepresentavam como pertencentes a um ambiente em que tinham o dever de combater a cultura de massa em ascensão. Nesse combate os saberes da pedagogia, psicologia e psicanálise foram elencados como auxiliares dos propósitos liceais, também em crise face ao incremento internacional que as universidades passam a assistir, retirando o prestígio que grassava em torno do ensino secundário até então em Portugal.

Consideramos caber aqui o empreendimento de uma discussão relevante no sentido de sopesarmos até que ponto a psicanálise estando – ou sendo – “fixada” ao escolar não vai também, pelo menos sutilmente, se subordinando e relegando-a a si mesma o papel de auxiliar do campo educacional? Se isto procede, a mesma não estaria, assim, a fazer par com a “ilusão psicopedagógica”ⁱⁱ, apontada por vezes como sua antípoda no modo pelo qual se relaciona com a educação?

Nessa controvérsia residem os ecos de um incômodo antigo de Freud em relação aos americanos, no que foi acompanhado por Lacan na segunda metade do século XX.

Desde a primeira ida de Sigmund Freud aos Estados Unidos, em 1909, onde foi recebido com enorme entusiasmo pela comunidade acadêmica, ele desconfiava

do tipo de apropriação que a psicanálise teria por aquelas bandas. Nas palavras de Roudinesco (2016, p. 186-187):

Embora tenha conquistado o Novo Mundo, Freud nem por isso deixou de continuar a ver a América como `uma máquina louca': `meu sucesso será curto', diria a Barbara Low, `os americanos me tratam feito uma criança que se diverte com sua boneca nova, a qual logo será substituída por um novo brinquedo'.

Alguns anos mais tarde, a psicanálise tornou-se o `tratamento mental' mais popular do continente americano. Varreu as velhas doutrinas somáticas, implantou-se no lugar e no espaço da psiquiatria, ridicularizou os grandes princípios da moral civilizada e suscitou o entusiasmo da classe média. Compreende-se então a fúria gerada, na sequência, contra aquele europeu pessimista, pouco inclinado a aderir ao eixo do bem e do mal em matéria de sexualidade. Ele não semeara, em 1909, a confusão na consciência pesada dos puritanos? Na realidade, os americanos receberam triunfalmente a psicanálise pelo que ela não era – uma terapia da felicidade – e a rejeitaram sessenta anos mais tarde por não cumprir a promessa que não poderia cumprir.

Ambos, Freud e Lacan, eram contrários a uma psicanálise da adaptação, da felicidade, ou do “Eu” fortalecido frente ao “Id” e ao “Superego”. Contrários a um uso instrumental, *uso meramente positivo*, da psicanálise. Por isso é que se pode afirmar que de Freud a Lacan, a fórmula permanece a mesma: *Psicanálise não é uma questão de felicidade, mas uma questão de verdade*.

É nesse sentido que o segundo procedimento de aproximação entre psicanálise e educação, constatado nos artigos dos professores da *Labor* e que passaremos a apresentar a seguir, pode ter um valor especial para refletirmos sobre o *próprio* que configura a relação psicanálise e educação hoje, mesmo no que ela aponta para além da circunscrição ou redução da educação ao escolar.

Psicanálise, formação e crítica da cultura... educação para além do escolar

Quando chegamos ao ano de 1970, mais especificamente na edição de outubro da *Labor*, podemos verificar duas posturas bastante díspares diante das mudanças de comportamento impulsionadas pela juventude que a segunda metade da década anterior parece ter precipitado. Essa edição é emblemática em relação ao ecletismo da revista no que diz respeito a posicionamentos políticos e acadêmicos, pluralidade que a acompanhou durante toda a sua existência – claro, dentro do espectro de um quadro já de antemão restringido pela censura prévia do regime salazarista.

De um lado temos o artigo “Da Obscenidade à Pornografia” (*Labor*, n.286, ano XXXV, out.1970), de Falcão Machado, que apoia a onda de rechaço a uma obra de coletânea de poesia erótica publicada por uma mulher portuguesa. O professor em questão defendia uma “sexualidade sã” em oposição à “degradação” proposta pelas poesias organizadas pela autora. Em favor de sua crítica o autor invoca o livro “A criança problema”, do psiquiatra brasileiro Artur Ramos e também Freud como argumentos de autoridade, mas sem aprofundamento algum e apontando o

desinteresse pela sexualidade como sinônimo de sanidade segundo a psicanálise, operando aí uma inversão radical do que a mesma historicamente apregoa.

De outro o texto de João A. C. Pinheiro, do Liceu de Faro, sob o título “«Hippies» e educação”, no qual se pode verificar uma condenação veemente de reações conservadoras advindas dos mais velhos – grupo no qual se incluía – em relação às novidades das quais aqueles tempos testemunhavam o afloramento. Criticava, portanto, reações como a que se pode ler no artigo que citamos acima. De acordo com o professor João A. C. Pinheiro:

É bem certo que muitos dos nossos jovens emprestam-se uma atitude exterior «pseudo-hippy» que os ajuda a marcar a sua presença, a sua personalidade. Mas nós, enquanto nos mantivermos anacrônica e burguesamente condenando os cabelos compridos dos moços e as calças das moças, não fazemos mais do que nos diagnosticarmos de miopia e tacanhez. (*Labor*, n.286, ano XXXV, out.1970, p. 29).

Além de um corte geracional bastante claro, pois o professor João Pinheiro está criticando os mais velhos, também não pode passar despercebida sua ironia em relação a um determinado *modo de vida* triunfante no modo ocidental desde pelo menos o século XIX: o padrão burguês alçado ao patamar de normalidade. Segundo sua perspectiva somente os míopes e os tacanhos permaneceriam instalados nesse código de vida tido por ele mesmo como anacrônico. Não era mais concebível uma relação de imposição de valores. E é em nome disso que faz um apelo a seus colegas:

Saibamos discernir no que eles [jovens] lêem, vêem e ouvem o que há de *sintomático da angústia do nosso tempo* (...). O teatro, o cinema, a literatura (romance e poesia) exploram diariamente, e muitos com seriedade, temas da angústia do após-guerra, da segunda metade do nosso século. (*Labor*, n.286, ano XXXV, out.1970, p. 29 – Ênfase adicionadas).

A mobilização de dois conceitos fundamentais para a psicanálise – a saber, *sintoma* e *angústia* – aqui é muito sugestiva. Instrumentos frequentemente utilizados para lidar com o tratamento de sujeitos individuais, nesta passagem eles se abrem à possibilidade de se pensar a partir deles o que é mesmo próprio de um *tempo*, tomado aqui como sinônimo de um contexto sociocultural específico na história. É aí que reside o terceiro conceito psicanalítico latente no trecho em questão: a noção de *mal-estar na cultura* (texto de mesmo nome, 1930). Ideia inaugurada por Freud, afirmando o potencial da psicanálise para análise de aspetos importantes da vida coletiva, exatamente partindo *do que dela não funciona, do que nela não anda bem, do que nela vacila*.

Da mesma forma que para Freud, de acordo com o professor João Pinheiro a chave para uma melhor compreensão da questão de seus contemporâneos – o *enigma/juventude-hippie* – também estaria na busca por uma aproximação do sintoma escondido, mas certificado pela sensação real que era a angústia de seu tempo, o mal-estar de sua cultura. Mas por qual veículo se tornaria possível uma aproximação do sintoma cifrado da angústia real? O mesmo professor-autor nos responde: estaria naquilo “que eles [jovens] lêem, vêem e ouvem”, ou seja no “teatro, no cinema, na literatura (romance e poesia)” do seu momento. E nisso mais

uma vez o professor João Pinheiro está bastante articulado aos procedimentos próprios da psicanálise.

Ora, é sabido que na psicanálise de sujeitos individuais o meio privilegiado para o desenvolvimento do processo analítico é feito através de relatos de sonhos, e que na psicanálise como suporte para pensar a cultura, o material privilegiado é constituído pelo resultado dos processos artísticos. Isto se dá porque do mesmo modo como acontece com o sonho, que não tem compromisso estrito com a racionalidade e com a lógica do sujeito, também na arte e a partir dela pode emergir aquilo que é *insuportável* para a cultura de um tempo, aquilo que se liga a um trauma coletivo do qual seria preferível esquecer, ou apagar, o que naquele momento se relacionava à não-elaboração de uma série de ocorridos da Segunda Guerra Mundial.

Na arte *aquilo do que não se diz* pode se mostrar, embora não sem antes passar por uma operação de “ciframento”, por uma estruturação “hieroglífica”, condição fundamental das linguagens artísticas. É precisamente no labirinto onírico da arte que um saber inconsciente pode então se articular. Saber sobre uma verdade que nunca se pode dizer toda, ou sobre a qual nunca se pode dizer tudo, portanto, já que não é na forma do argumento racional que ela se permite expressar-se.

Por fim faz-se necessário lembrar que essa via de apropriação da relação psicanálise-educação evocada pelo texto do professor João Pinheiro tem como destino estimular os professores a pensarem sobre seus próprios modos de vida, bem como sobre o funcionamento mais amplo da cultura da qual são *produtos e produtores*, não se detendo a problemas específicos que emergem no cotidiano escolar e muito menos em nome de um mero melhoramento técnico do desempenho institucional.

Conclusões

De modo geral parecia não restar dúvida aos professores em relação ao fato de que os problemas que habitavam o ambiente escolar se deviam em grande medida ao que se passava fora dali. Se alguns mais alinhados a uma teoria crítica de viés marxista denunciavam com maior vigor os conteúdos e hábitos promovidos pela cultura de massa, muitas vezes assumidos pelos próprios pais dos jovens, o aspecto destacado pela psicanálise no que tange ao que corria paralelo ao ambiente escolar era outro, a saber: a história familiar e afetiva singular de cada sujeito que habitava aquele espaço, isto valendo para os alunos, professores e funcionários.

Pudemos constatar também que na maioria das vezes as soluções aventadas para essas questões externas ao espaço escolar, mas que nele exerciam grande impacto, seguiram no sentido de se tentar resolvê-las no próprio interior das instituições de ensino, uma demanda que por vezes se apresenta como extraordinária, bem maior do que talvez aquele ambiente possa objetivamente dar conta.

Referências

FREUD, Sigmund. *O mal-Estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1930).

LABOR. Revista de Ensino Liceal. Aveiro. Ano de 1951 a 1973. (Todos os números da revista estão disponíveis na Biblioteca Pública Municipal do Porto)

LAJONQUIÈRE, L. *Infância e Ilusão (Psico)Pedagógica: Escritos de Psicanálise e Educação*. São Paulo: Vozes, 1999

NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2016.

Notas:

¹ Esse texto é o desenvolvimento de uma versão resumida apresentada oralmente no *Eixo temático 10: Educação, Memórias e Património*, durante o XIV Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, entre os dias 11 e 13 de Outubro de 2018, nas dependências da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. As abordagens aqui propostas se inserem no quadro geral de uma investigação mais ampla da qual esse estudo fez parte intitulada: *Trajectoria histórica das relações entre Psicanálise e Educação e de seus impactos na Formação de Professores/Educadores em Portugal e Brasil (1950-2000)*. Tal investigação foi realizada junto ao curso de Pós-doutoramento da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, levada a cabo pelo Professor Doutor Matheus da Cruz e Zica e supervisionada pelo Professor Doutor António Gomes Ferreira.

ⁱⁱ LAJONQUIÈRE, L. *Infância e Ilusão (Psico)Pedagógica: Escritos de Psicanálise e Educação*. São Paulo: Vozes, 1999.